



Vol. 25, nº 02 (2023)

DOI: 10.30681/issn22379304v25n02/2023p59-73

## REFLEXÕES ACERCA DAS TRANSPOSIÇÕES FÍLMICAS DO ROMANCE FLORES PARA ALGERNON DE DANIEL KEYES

\*\*\*

## REFLECTIONS ON THE FILMIC TRANSPOSITIONS OF THE NOVEL FLOWERS FOR ALGERNON BY DANIEL KEYES

Pâmela dos Reis<sup>1</sup>

**Recebimento do Texto:** 20/06/2023

**Data de Aceite:** 17/07/2023

**RESUMO:** O presente artigo propõe reflexões críticas acerca das adaptações fílmicas do romance estadunidense *Flores para Algernon* do autor Daniel Keyes. Para esse estudo, consideram-se os filmes *Charly*, de 1968 e *Flowers for Algernon*, do ano 2000. Nessa análise, busca-se evidenciar as similaridades entre as obras bem como também suas diferenças. Na complexidade das obras cinematográficas, percebe-se que mesmo que em perspectivas diferentes não se resumiram a uma tradução mimética do romance de Daniel Keyes e resultaram em materiais novos com estéticas diferentes resultando em uma reconstrução da narrativa. Embora as três obras (filmes e romance) sejam divergentes em determinados aspectos, possuem como ponto em comum a reflexão acerca do espaço da pessoa com deficiência na sociedade, propondo diversas observações; pois, a cada década, discussões sobre essa temática tem se tornado cada vez mais urgente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deficiência intelectual. Adaptação. Narrativa. Cinema. Literatura.

**ABSTRACT:** This article proposes critical reflections on film adaptations of the American novel *Flowers for Algernon* by author Daniel Keyes. For this study, the films *Charly* from 1968 and *Flowers for Algernon* from the year 2000 are considered. In this analysis, we seek to highlight the similarities between the works as well as their differences. In the complexity of the cinematographic works, it is clear that, even in different perspectives, they were not limited to a mimetic translation of Daniel Keyes' novel, but were synthesized in new materials with different aesthetics, resulting in a reconstruction of the narrative. Although the three works (films and novel) are divergent in certain aspects, they have a common point in the reflection on the space of people with disabilities in society, proposing different considerations, since with each decade discussions on this theme have become increasingly urgent.

**KEYWORDS:** Intellectual disability. Adaptation. Narrative. Cinema. Literature.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso- PPGEL/UNEMAT. e-mail: reis.pamela@unemat.br



## Introdução ao romance

Considerado um dos clássicos modernos da ficção científica da literatura norte-americana, o romance *Flores para Algernon*, de Daniel Keyes<sup>2</sup> (1927-2014), conta a trajetória do jovem Charlie Gordon, um homem na casa dos 30 anos que tem uma deficiência intelectual causada pela fenilcetonúria<sup>3</sup>. Charlie é submetido a uma cirurgia que promete deixá-lo muito inteligente e se torna o primeiro humano a ser utilizado no experimento, anteriormente realizado com o rato Algernon (que dá nome ao livro), tornando-o assim um marco para a ciência. O procedimento é tão bem-sucedido que faz com que o jovem de baixo QI ultrapasse os níveis de inteligência dos próprios médicos que o operaram. É possível perceber toda essa evolução a partir da sua escrita, que a princípio era pouco detalhada e cheia de erros de ortografia, de concordância e coerência. Ao longo do romance, conforme a evolução do jovem paciente, dá-se espaço para uma escrita detalhada trazendo questionamentos muito profundos de cunho até mesmo filosóficos.

No início do processo é solicitado a Charlie relatar, pela escrita, sua evolução pré e pós-cirúrgica que se desenvolve por meio de 17 relatórios de progresso, assemelhando-se a uma espécie de diário, mas com fim de

---

<sup>2</sup> Keyes é autor de outros 8 livros, incluindo *The Minds of Billy Milligan*, baseado na história da primeira pessoa a ser absolvida em tribunal alegando transtorno dissociativo de personalidade. Também foi editor de ficção, professor do ensino médio e universitário na Universidade de Ohio, onde foi homenageado como Professor Emérito em 2000. Ele ganhou o Hugo e o Nebula por seu trabalho como escritor e foi escolhido como Autor Emérito da *Science Fiction e Fantasy Writers of America* em 2000.

<sup>3</sup> De acordo com informações no site do Ministério da Saúde, a fenilcetonúria é um dos erros inatos do metabolismo, geralmente ocorre na enzima hepática Fenilalanina Hidroxilase, apresenta um quadro clínico clássico, caracterizado por atraso global do desenvolvimento neuropsicomotor (DNPM), deficiência mental, comportamento agitado ou padrão autista, convulsões entre outros.



documentar a evolução do próprio paciente. Ou seja, toda a narrativa é por um narrador-personagem. Por meio desses relatos, o leitor consegue acompanhar dois mundos distintos de Charlie, um desprovido de conhecimento por causa da sua condição limitante e no outro um mundo de conhecimento ilimitado, mas que carrega consigo um preço a se pagar: a descoberta de uma realidade dura e cruel em uma sociedade preconceituosa e que põe à margem pessoas com deficiência.

### **Discussão teórica-analítica das obras (romance e filmes)**

Para discorrer e refletir sobre adaptações da obra para o cinema focar-se-á nos filmes: *Charly* (1968) e *Flowers for Algernon* (2000). Como o romance não traz elementos necessários para uma descrição detalhada do protagonista, o que se pode construir a respeito de sua aparência fica a cargo da interpretação individual de cada leitor. Contudo, na obra de Keyes (2018) não faz a mínima falta o fato de não haver detalhamento sobre a aparência dos personagens, pois o que mais importa a se discutir é a questão social e ética de como a ciência implica nas modificações humanas e como isso repercute nas relações da pessoa com deficiência na sociedade. O autor consegue desenvolver uma história de ficção científica mais verossímil e ao mesmo tempo sensível a respeito da pessoa com deficiência. A carga dramática da narrativa é muito intensa e envolve o leitor em questionamentos que o fazem repensar também a sua própria postura diante de uma pessoa atípica.

No que se refere às transposições fílmicas, fica, então, a critério dos diretores e produtores a escolha de quem interpretar o papel da personagem



ainda que tenha ou não uma imagem física construída no romance. É importante saber que

[...] ainda que dialogando com a obra literária, o cineasta imprime na sua versão fílmica as suas crenças, a sua visão do mundo, e sua estilística pessoal. Ressalvadas as previsíveis e incontornáveis distâncias entre dois meios estéticos diferentes, a escrita e o cinema, é perceptível a preocupação de fidelidade do realizador na recriação da obra literária, preservando a sua arquitetura narrativa. (NEVES, 2013, p.1)

Considerando esse aspecto, na adaptação de 1968, o ator escolhido para o papel do jovem Gordon foi Cliff Robertson. Sua atuação no cinema lhe rendeu o Oscar de melhor ator desbancando o seu concorrente Ron Moody em *Oliver*, adaptação do romance *Oliver Twist* que levou os prêmios de melhor filme e melhor direção no mesmo ano. Já em *Flowers for Algernon* (2000), o ator que interpreta Charlie é Matthew Modine. Interessa saber que enquanto o primeiro tem cabelos escuros, o segundo possui cabelos loiros. Além disso, vale ressaltar os padrões masculinos de cada época, uma breve pesquisada nota-se a diferença e influência de suas décadas, internalizando assim os padrões masculinos de cada época e suas influências, as quais podem ser observadas a partir de breves pesquisas na internet.

Para aprofundar um pouco mais a reflexão sobre as adaptações da obra, faremos um recorte em uma cena específica de cada filme inspiradas do 2º relatório de progresso do romance. Importante mencionar que no romance o nome da personagem é Charlie, tanto em língua original quanto na sua tradução brasileira, já no cinema se usa Charly. Antes de adentrar nas cenas dos filmes cabe a leitura do fragmento da obra que inspirou as criações cinematográficas. O recorte trata de um momento em que Charlie é



submetido a testes antes do procedimento científico, ainda no começo do romance.

Eu via a tinta borada e eu mi assustei bastante mesmo que eu tenha o meu pede coelio porque quando eu era mais novo eu sempre ia mau nas provas da escola e eu borava a tinta da caneta também. Eu disse pro Burt que via tinta borada numa carta branca. [...] Eu não mi lembro muito certo o que o Burt disse mas eu mi lembro que ele queria que eu disese o que tinha na tinta. Eu não via nada na tinta mas o Burt disse que tinha imajens ali. Eu não via nenhuma imajem. Eu tentei encher gar de verdade. Eu levantei os cartões e aprobei e afastei do meu rosto bem diperto e bem dilonge. Aí eu avizei que os meus óculos tal vez ajudasem a ver. No diadia só uso meus óculos no cinema ou pra ver televisão mas eu falei que pode se que ajudem a encher gar as tais imajems na tinta. Coloquei os óculos e falei então agora vou ver esse cartão denovo aposto que agora eu discubro [...] Ele disse que as peças veem coizas na tinta. Eu disse mi mostra onde. Ele não mostrou ele só insistiu Charlie pensa um poco usa a imajinação como si ouvesse algo difato no cartão. Eu falei que imajino uma sujeira borrada. Ele fes que não com a cabeça e ficou claro qui eu tinha errado denovo. Ele disse no que isso te fas pensar finge que é algo. Eu fezei os olhos por um bom tempo pra fingi então eu disse isso mi fas pensar num pote de tinta que derramaram numa pilha de papel branco. Ele quebrou a ponta do lapis meio cem quere então ele si levantou e saiu. Eu axo quinao passei no teste de Rô Shaque” (KEYES, 2018, p. 02)

O relato de Charlie mostra que ele nem sequer tinha consciência de que o teste que realizaram com ele não tinha os mesmos propósitos que os testes escolares que já fez. A forma com que Keyes (2018) construiu esse narrador contribui para a sensação de que o leitor sabe muito mais do que a própria personagem, embora seja essa mesma personagem quem conduz a narrativa. Friedman (2002) afirma que “o narrador-protagonista, portanto, encontra-se quase que literalmente limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções” (p.177). Agora acrescenta-se a isso o fato de que a sua deficiência intelectual o limita mais ainda. Além disso, conforme



Brandão (2005), esse tipo de narrador (narrador-personagem) embaralha os enquadramentos esperados de ficção do leitor. (p.156)

Contudo, cabe dizer, que a partir das transposições fílmicas é possível deduzir que esse embaralhamento se resolve de certa forma, pois a perspectiva se torna mais ampla e menos limitadora. O cinema possui certos recursos que fazem com que, nas suas adaptações, sejam adicionados elementos capazes de externar o que para a literatura é mais difícil de realizar, pois dispõe apenas do recurso da escrita.

Ao ter acesso a obra original, antes de ter contato com suas respectivas transposições para o cinema, influi-se que as experiências que vivenciamos com o filme

[...]são condicionadas pela nossa personalidade, a experiência adquirida no contacto prévio com outras narrativas e as expectativas que alimentamos em relação ao que vamos ver. Assim, interagimos com qualquer objeto de ficção, acionando mecanismos de antecipação e retrospecção, processando o que já aconteceu e conjecturando o que ainda vai acontecer. Ao vermos a adaptação de uma obra que já lemos, o conhecimento prévio da história condiciona, necessariamente, a forma como interpretamos os dados apresentados no ecrã e, por conseguinte, altera radicalmente o processo de antecipações e retrospecção. (BACON, 1994, p.212 apud NEVES, 2013, p.6)

Sendo assim, as escolhas das cenas dos filmes e trechos do romance foram feitas baseadas nessas relações de expectativas. Partindo também do questionamento de como é orientado o processo de seleção da obra literária? E ainda a partir dessa apropriação qual o efeito estético da recriação dessa história? Quais princípios nortearam as escolhas nas alterações ou até mesmo semelhanças com o texto literário? Para aprofundar nas reflexões das adaptações cabe inserir os frames dos filmes para melhor visualização e comparação de como foram realizadas as transposições. As imagens a seguir



foram retiradas dos filmes *Charly*, que no Brasil recebeu o subtítulo de “Os dois mundos de Charly” dirigido por Ralph Nelson, e *Flowers for Algernon*, no Brasil intitulado de Um amigo para Algernon, dirigido por Jeff Bleckner.

**Figura 1** – Teste de aptidão



**Fonte:** Charly, 1968. Charly e Miss. Kiniam, interpretados por Cliff Robertson e Claire Bloom

No romance, quem realiza o teste é o professor Burt, que está à frente da pesquisa científica que culmina na cirurgia de Charlie, e o teste utilizado é o de Rorschach<sup>4</sup>. Comparada à cena com a fonte literária, nota-se que a escolha foi modificar a personagem que realiza o teste, pois coloca a professora Kinnian para contracenar com Charly, além de modificar o material do teste. A escolha pode justificar-se, pois antes de fazer parte do experimento, a professora era a única pessoa que Charly mantinha maior vínculo na escola para adultos “retardados”<sup>5</sup>. A cena se divide em dois

---

<sup>4</sup> O Teste de Rorschach é um tipo de avaliação projetiva em que os sujeitos olham para 10 imagens que possuem manchas de tinta (preta ou vermelha) e descrevem o que veem em cada uma. A pessoa é solicitada a descrever o que vê e o terapeuta então interpreta as respostas.

<sup>5</sup> Expressão utilizada pelo próprio narrador-personagem, conforme pode ser visto no romance em sua língua original “Then we’re at the Adult Center for the Retarded, and she’s reading over my shoulder as I write my composishuns compositions.”(KEYES, 2012,



frames com perspectivas diferentes, a primeira com foco no protagonista e a segunda na professora. Esse recurso permite que o telespectador veja a face dos dois ao mesmo tempo sem precisar tirar um ou outro do foco da câmera. Nota-se uma intenção de destacar as expressões dos dois atores a partir de perspectivas diferentes sendo eles: a professora e o aluno ou o aplicador de um teste e o paciente (ou cobaia de um experimento nas interpretações mais duras). Ao redor deles, nota-se uma sala de paredes brancas remetendo ainda mais a um ambiente de laboratório. Uma segunda interpretação que se pode ter em relação a um vazio, ou nada, assim como se pensa ser a mente de uma pessoa com o tipo de deficiência semelhante à de Charly.

Na transposição fílmica de 68, há mais elementos inseridos nessa cena, como um teste de associação a professora diz um substantivo e o Charly deve associá-lo a um verbo. Além disso, há o questionamento da concepção de família com base na figura que se encontra na mão de Kinnian. No teste a professora mostra a imagem de um homem e uma mulher, adultos e duas crianças sentadas ao redor de uma mesa. Ela questiona Charly e pede que ele descreva essas pessoas, ele diz não ter como fazê-lo, pois não as conhece. Quando a professora questiona se Charly se lembra da mãe, há um aumento na carga dramática, pois Charly foi abandonado pelos pais por conta da sua condição e afirma não ter certeza se a imagem que tem é mesmo da mãe ou de alguma mulher do instituto onde ele frequenta. O efeito causado no espectador é de piedade, afinal o que se entende de figura materna, no senso comum, é de que é um dos pilares constitutivos da vida de todo e qualquer cidadão. No entanto, por causa do

---

p.21). “Então nós estávamos no Centro para os Retardados, e ela estava lendo por meus ombros enquanto eu lia minhas redações” (tradução nossa)



abandono materno, Charly foi privado do relacionamento mãe e filho o que prejudicou também suas memórias afetivas.

Tanto no romance quanto nos filmes é notável que o protagonista não sabe o real fundamento do teste para qual está sendo submetido. Contudo, no romance fica mais evidenciado que ele entende que se trata de um teste no qual precisa ser aprovado e por acreditar que não teve bom rendimento pode ter sido reprovado. Isso pode ser entendido como uma crítica presente ao sistema de avaliação escolar que não abarca completamente todas as necessidades específicas de um aluno com deficiência intelectual, embora muito já se tenha avançado nesse quesito da inclusão, ainda há muito a ser feito.

Já a escolha de Jeff Bleckner para a adaptação de 2000, é de manter o teste do romance e o mesmo aplicador. O ambiente em que o teste é aplicado assemelha-se a um consultório clínico no qual se encontram apenas os dois personagens. Não há presença de mais ninguém na mesma cena e o recurso visual da câmera difere do filme anterior, não há uma divisão de tela, nem hiper foco em Charly, como se observa na imagem a seguir:

**Figura 2 – Teste de Roshach**





Vol. 25, nº 02 (2023)

**Fonte:** Flowers for Algernon, 2000. Charly e Burt interpretados por Matthew Godine e Richard Chevolleaw.

Ainda se tratando da adaptação de 1968 dirigida por Ralph Nelson, cabe observar outros pontos da mesma cena presentes nas imagens abaixo.

**Figura 3** – Charlie se olha no espelho



**Figura 4** – Charlie é filmado para o experimento



**Fonte:** Charly, 1968. Charly e Miss. Kiniam, interpretados por Cliff Robertson e Claire Bloom. De costas, Dr. Strauss interpretada por Lilia Skala, Bert interpretado por Dick Van Patten

É possível notar que a sensação de que o protagonista é uma cobaia aumenta nesse filme, pois a câmera muda o foco e é possível observar que



os cientistas acompanhavam o teste, além de filmá-lo. Na sala continha um espelho falso que permitia os doutores Strauss e Burt acompanharem o teste. Esse recurso também é muito presente em filmes em que policiais objetivam retirar informações de suspeitos sem estar presente no mesmo ambiente. A trilha sonora aumenta a tensão da cena. E a atuação de Cliff apresenta muitos gestos e expressões que no senso comum associavam-se a pessoas denominadas como “mongoloide” ou “retardado”, termos atualmente não utilizados para se referir a pessoa com deficiência intelectual, mas que principalmente nas décadas de 1960 e 1970 eram considerados comuns.

Por outro lado, na adaptação de 2000, o foco parece estar de certo modo na inocência de Charlie, mesmo se tratando de um homem adulto o comportamento possui traços infantilizados. O que pode justificar a escolha do ator, homem branco, cabelos loiros, pois em uma sociedade em que o racismo ainda tem muitas raízes é mais fácil identificar essas nuances em uma pessoa com essas características físicas. A inocência de Charlie fica muito evidenciada quando o personagem usa as mãos para fazer alusão aos óculos que ele diz precisar para conseguir ver as imagens no teste de Rorschach, como é possível observar no frame a seguir.

**Figura 5** – Charlie





Vol. 25, nº 02 (2023)

**Fonte:** Flowers for Algernon, 2000. Charly interpretados por Matthew Godine.

Vale pontuar que a partir dos anos 2000 começa a se consolidar as noções do que é considerado politicamente correto. Nota-se que não houve tanto enfoque nessa cena, pois ela não dura mais que 35 segundos, além de não terem sido inseridos novos elementos e permanecendo mais fiel ao texto original, por outro lado na transposição fílmica anterior a mesma cena tem mais de dois minutos. Sabe-se que

A questão da adaptação coloca, portanto, questões sensíveis. De facto, adaptar consiste em transpor de um meio para outro, passar de um sistema de signos verbais para um sistema de signos não verbais. A esse processo, assim sumariamente definido, subjaz um conjunto de problemas práticos e teóricos que devem ser considerados. (NEVES,2013, p.8)

Contudo, é importante ater-se a dois aspectos importantes: o contexto estético e extra artístico relacionando a época de produção de cada filme, afinal mais de 30 anos separam a primeira da segunda produção. Importante destacar que o próprio autor do livro, contribuiu para a elaboração do roteiro de *Charly* (1968) e isso também influi na diferença entre as transposições fílmicas. Afinal, enquanto autor, Keyes pode incluir de certo modo o que não foi possível acrescentar no romance, pois todas as possíveis lacunas puderam ser resolvidas nas telas do cinema.

No período que corresponde às décadas de 1960 e 1970 era comum no cinema o enfoque no rosto dos personagens ao momento que se acrescenta-se uma trilha sonora que crescia de forma intensa atribuindo mais dramaticidade, recurso bastante presente no clássico *O bebê de Rosemary* (1968) do mesmo ano, por exemplo. Os roteiros, nesse período, davam maior priorização artística. Quase 30 anos depois, mais comum era ver cenas que mais se aproximavam de um olhar causando um efeito no



espectador como se ele estivesse no mesmo ambiente que os personagens. Com o boom das tecnologias, os anos 2000 trouxeram mais espaço aos efeitos especiais que revolucionaram a cultura pop. Talvez isso também explique a pouca expressão que a transposição fílmica dirigida por Jeff Bleckner teve nessa época, o que fica mais evidente se compará-lo ao filme *Gladiador* que foi vencedor do Oscar de melhor filme produzido no ano de 2000.

### **Considerações finais**

É possível notar que a obra de Daniel Keyes permite que as transposições fílmicas tenham maior flexibilização nas suas adaptações cinematográficas. O que se buscou aqui foi refletir, com base em um trecho da obra, como foram as escolhas de atores e ambientação para realizar as adaptações cinematográficas baseados no romance *Flores para Algernon*. Vale destacar que o recorte foi muito específico e que ao analisar o todo há muitas outras questões a serem pontuadas.

De um lado uma escolha em alterar o texto primário adicionando elementos não mencionados na obra, fazendo-se uso de artifícios cinematográficos como a trilha sonora e divisão da tela para acesso ao mesmo tempo de perspectivas diferentes. Do outro lado, a escolha em permanecer mais fiel ao texto literário o que torna a cena mais curta na sua transposição fílmica em relação ao seu antecessor no cinema. Há na cinematografia esse encurtamento da história, enquanto que no texto escrito precisa-se de maior espaço para desenvolver a narrativa ou até mesmo inserir descrições, no cinema esse recurso pode se reduzir a uma cena ou um jogo de câmera, o que não implica em redução da qualidade da narrativa.



Em *Charly* (1968), houve uma inserção maior de elementos que não estão presentes no romance, o que contribuiu para um maior engajamento estético e narrativo na trajetória do jovem Charlie Gordon.

É importante frisar que no romance acessamos a cena pelo olhar do protagonista, que até o momento mal tinha consciência do processo no qual estava inserido. Em ambas as transposições é possível ver a cena fora do olhar do protagonista, as lacunas deixadas pelo narrador-personagem são preenchidas e até mesmo acrescidas nas suas duas adaptações. Contudo, os filmes não excluem a participação do espectador. Assim como no romance, o espectador é envolvido emocionalmente, por meio da empatia com o protagonista podendo questionar sobre como a sociedade em si trata as pessoas que assim como Charly são neurodivergentes. Percebe-se que em perspectivas diferentes os filmes não se resumem a uma tradução mimética do romance de Daniel Keyes e sintetizam-se em materiais novos com estéticas diferentes resultando numa reconstrução da narrativa. Embora as três obras (filmes e romance) sejam divergentes em determinados aspectos, possuem um ponto em comum que é refletir o espaço da pessoa com deficiência na nossa sociedade e essa temática a cada década vai se tornando cada vez mais importante e mais urgente discutir.

Considerando a importância das adaptações de obras literárias para o cinema, as transposições fílmicas discutidas neste artigo mantiveram um aspecto importante do romance que, de acordo com Candido (2006), “confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (p.113). Sendo assim, as transposições fílmicas do romance também fazem contribuições semelhantes com o papel da literatura que é a humanização da sociedade, e



faz isso por meio de uma das ferramentas mais democráticas para a disseminação da arte que é o cinema.

### Referências

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **A Invenção do Romance**. Brasília: UNB, 2005. 291p.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

**CHARLY**. Ralph Nelson. Produção: Ralph Nelson. Roteiro: Daniel Keyes, Stirling Silliphant.. Metro Goldwyn Mayer: USA, 1968 (1.43min) 1 DVD.

**FLOWERS FOR ALGERNON**. Jeff Bleckner. Produção: Mark Winemaker Roteiro: John Pielmeier cho Bridge Home Entertainment: USA, 2000 (1.32min) 1DVD

FRIEDMAN, N. (2002). **O PONTO DE VISTA NA FICÇÃO: O DESENVOLVIMENTO DE UM CONCEITO CRÍTICO**. Revista USP, (53), 166-182. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i53p166-182>

KEYES, Daniel. **Flores para Algernon**. São Paulo: Editora Aleph, 2018.

NEVES, Fernanda Maria Maciel. **Uma (re)visão para além do olhar - a transposição para o cinema do Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago**. Dissertação de Mestrado em Mediação Cultural e Literária.